

“E se eu fosse você?”: Breve visita ao conceito de identificação projetiva

ANA KARINA FACHINI ARAUJO

ELISA MARIA ULHÔA CINTRA

RESUMO: A partir do estudo sobre identificação projetiva, fruto de minha pesquisa de doutorado, surgiu a ideia de escrever este artigo com o objetivo de apresentar o desenvolvimento do conceito na obra de Melanie Klein e seu uso na clínica. Realizei uma breve revisão da literatura sobre a temática na obra da referida autora e, posteriormente, articulei-o à clínica. Sendo assim, este artigo apresenta o desenvolvimento e uso formal que de Melanie Klein sobre a identificação projetiva e sua presença na situação clínica como uma ferramenta de trabalho para que o analista possa compreender o que o paciente lhe comunica, muitas vezes, sem palavras.

PALAVRAS-CHAVE: Identificação projetiva; Mecanismo de defesa; Empatia; Comunicação; Clínica.

Psicanalista, membro do Departamento do Formação em Psicanálise, professora do curso de psicologia das Faculdades Metropolitanas Unidas

Psicanalista, professora da faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC-SP e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. wAutora de *Melanie Klein: estilo e pensamento*, em co-autoria com L.C. Figueiredo.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto da pesquisa de doutorado que parte da importância do conceito de identificação projetiva^[1] na construção do campo relacional que se estabelece entre analista e paciente.

É nesse campo que se desenvolvem as trocas transferenciais e contratransferenciais entre paciente e analista. Interessei-me em estudar o que acontece nessas trocas emocionais e de que maneira elas acontecem e, então, me deparei com a importância da identificação projetiva.

Portanto, me propus a escrever esse artigo apresentando o desenvolvimento e uso do conceito em Melanie Klein e sua presença na clínica como ferramenta para que o analista possa compreender o que se passa no mundo interno do paciente.

SOBRE A IDENTIFICAÇÃO PROJETIVA

Em meu cotidiano clínico é bastante comum acompanhar relatos de pacientes adolescentes e jovens adultos que tendem a buscar justificativas ou causas para suas angústias, colocando-as no outro, seja uma pessoa ou uma situação desfavorável. “A culpa das brigas que tenho com meu noivo é dele, é ele quem está ansioso com a proximidade do casamento e com o fato de sair da casa dos pais...”; “não fui bem no vestibular porque o ar-condicionado estava muito gelado”; “foi minha namorada quem me atacou primeiro, eu só reagi, escolhendo o que mais doía nela para responder...”. Essas falas exemplificam muito bem o que Melanie Klein (1946/1991a) denomina de cisão e projeção - trata-se de mecanismos de defesa que tendemos a acionar em muitos momentos da vida, quando as angústias se tornam intensas e não conseguimos lidar com elas. Esses mecanismos são expulsivos e de desresponsabilização, correspondem ao desejo de livrar-se da culpa e do desejo de repassar a responsabilidade à outra pessoa, corresponde, ao desejo de livrar-se de algo que causa incômodo e alienar-se.

1. Conceito já discutido na monografia “Um estudo sobre as relações entre identificação projetiva e contratransferência e suas implicações na clínica”, orientada por Maria Luiza Scrosoppi Persicano e apresentada ao Departamento de Formação em Psicanálise em março de 2015.

Freud (1905[1901]/1996) ao atender Dora, dá-se conta de que ela atribuía sempre aos outros a origem de seus problemas. Uma das interpretações básicas de Freud foi perguntar, à paciente em questão, como ela se implicava na trama daqueles acontecimentos que vivia, a perceber, *a posteriori*, que isto a enfureceu.

Considerando que nossas características pessoais têm suas raízes em nosso desenvolvimento mais arcaico, ou seja, o adulto que somos hoje é reflexo da criança que fomos ontem, é importante retomarmos aqui como Klein nos apresentou esses processos em sua obra.

Ambos os mecanismos - a cisão e a projeção - se fazem presentes na posição esquizo-paranóide, dominante nos primeiros 3-4 meses de vida, quando o ego frágil da criança os utiliza contra as angústias persecutórias: a cisão, divisão dos impulsos e objetos; e a projeção, capacidade de atribuir ao outro os próprios sentimentos, que podem ser de amor ou ódio. Isto torna este outro um objeto bom quando identificado com as emoções amorosas, ou perigoso quando identificado com os sentimentos de ódio. O mecanismo de cisão visa proteger o objeto bom e expulsa as partes más que não tolera, pois são ameaçadores e exigem realizar algum trabalho psíquico.

Retomando os exemplos acima: temos uma jovem mulher que não está conseguindo reconhecer os próprios temores frente a um grande acontecimento em sua vida, o casamento, e acaba fazendo de seu noivo o fiel depositário dessa sua angústia. No outro exemplo, impossibilitada de assumir sua responsabilidade diante de situações de avaliação acadêmica, a adolescente buscava no ambiente a razão de seu insucesso, o que a impedia de tratar esse aspecto como seu e, assim, transformá-lo. Já o jovem adulto atribuía a agressividade à namorada, colocando-se apenas como um bom rapaz que ataca para se defender, não assumindo sua própria beligerância. Temos nos três casos o movimento onde os aspectos causadores de dor e angústia foram separados do sujeito e colocados no objeto, aliviando seu sofrimento. Isto acontece com frequência quando o bebê, em razão de seu ego frágil e intolerante à frustração e à angústia, faz uso desses mesmos mecanismos para se aliviar e proteger-se.

Essas percepções me levaram ao texto de Klein, publicado em 1959, intitulado: “Nosso mundo adulto e suas raízes na infância”. Para a autora, nosso funcionamento psíquico tem suas raízes nos primeiros anos de vida e nas

primeiras relações objetais; sendo assim, “a exploração do desenvolvimento do indivíduo remete o psicanalista, através de estágios graduais, à infância” (1959/1991b, p.281).

E ainda considera que:

Tanto a capacidade de amar quanto o sentimento de perseguição têm raízes profundas nos processos mentais mais arcaicos do bebê. Eles são focalizados primeiramente na mãe. Os impulsos destrutivos e seus correlatos – tais como o ressentimento devido à frustração, o ódio provocado por ela, a incapacidade de reconciliar-se e a inveja do objeto todo poderoso, a mãe, despertam ansiedade persecutória no bebê. *Mutatis mutandis*, essas emoções ainda operam mais tarde na vida: impulsos destrutivos dirigidos a qualquer pessoa estão sempre fadados a dar origem ao sentimento que essa pessoa também se tornará hostil e retaliadora (op. cit., p. 283).

Sendo assim, é possível pensar que os três pacientes, acima mencionados, continuam lançando mão da identificação projetiva como mecanismo de defesa para se protegerem de angústias e hostilidades, sentidas como intensas e perturbadoras.

Klein (1946/1991a) continua sua teoria afirmando que tanto a projeção quanto a cisão estão relacionadas à identificação projetiva. Ou seja: trata-se de projeções do ódio e partes do *self* dirigidas à mãe – “para dentro da mãe” – com a finalidade de controle, sendo assim um tipo de identificação que estabelece o protótipo de uma relação de objeto agressiva.

Quando a cisão e a identificação projetiva acontecem em excesso, provocam o empobrecimento do ego, pois os aspectos cindidos, ligados à agressividade, precisariam ser integrados ao ego. São dimensões de força, poder, potência e conhecimento que estão associadas à agressividade e ficam assim dissociadas do eu. Do ponto de vista do bebê, ele quer jogar essa agressividade fora, mas uma parte dela precisa ser revertida, sublimada como força para o impulso epistemofílico, no sentido do conhecimento e da criatividade (KLEIN, 1952/1982).

Assim, o ego enfraquecido se sente governado pelos objetos internos² e não consegue assimilá-los e nem consegue tomar de volta para si seus objetos projetados para o mundo externo. Para Klein (1946/1991a, p. 30): “Essas várias perturbações entre projeção e introjeção, e que implicam uma cisão excessiva do ego, exercem um efeito prejudicial sobre a relação com o mundo interno e externo, e parecem estar na raiz de algumas formas da esquizofrenia.” Isso porque, apesar da cisão ser um mecanismo de defesa primário eficaz para dispersar angústia causada pelo medo da aniquilação das forças destrutivas internas, ela também provoca uma desconexão entre o amor e o ódio. E ainda “falha, num outro sentido, porque resulta num sentimento muito semelhante à morte – pois é a isso que equivalem a desintegração e o sentimento de caos que acompanham a cisão” (1955/1991c, p.173). Isto é, há uma desvitalização ou anestesia pela falta de confiança no bom objeto, a mãe, uma vez que é perdido o contato com os sentimentos. O fio que liga aos sentimentos foi cortado, em razão do desejo de livrar-se da agressividade, do desejo de colocá-la no outro e ficar na posição de vítima. A identificação projetiva leva a um estado mais passivo, e a iniciativa, a força fica atribuída ao outro.

Em seu texto “Notas sobre alguns mecanismos esquizoides”, de 1946, Klein apresenta pela primeira vez o conceito de identificação projetiva, definindo-o como: “Um nome genérico para um número de processos distintos ligados à cisão e à projeção.” (KLEIN, 1946/1991a, p.18) Para a autora, a principal defesa contra a angústia³ na posição esquizoparanóide, é a identificação projetiva, também responsável pela construção das relações de objeto que se dão nessa posição.

Já no texto de 1955, “Sobre a identificação”, Klein amplia o que

2. As articulações entre forças e objetos podem ser explicadas da seguinte maneira: aquilo que agride em mim, o impulso agressivo personaliza-se, transforma-se em uma cena. É isto que chamamos de ‘objeto interno’. Objeto fonte da pulsão.

3. Neste trabalho optei, com base em Cintra (2006) e Persicano (2004, 2013), pelo uso do termo angústia e não ansiedade. Ansiedade está relacionada à vivência do sofrimento psíquico causada por um sofrimento interno. Já angústia indica um aspecto mais geral que abrange não só o componente psíquico, mas manifestações somáticas decorrentes dos estados de tensão e causadoras de sofrimento humano. Por esta razão, apenas nas citações literais o termo ansiedade não será alterado.

introduziu no texto de 1946, quando apresenta as mudanças na identidade do sujeito provocadas pela “intrusão” no objeto, realizadas através da identificação projetiva. Ou seja, o “sujeito toma posse e adquire a identidade do objeto” (KLEIN, 1955/1991c, p.169). Isto poderia ser um interessante dispositivo de apropriar-se de qualidades do outro, mas pode levar a um estado de alienação.

1.1 VISITANDO O ASPECTO CLÍNICO DA IDENTIFICAÇÃO PROJETIVA

Ainda no texto de 1955, Klein analisa um romance de Julien Green intitulado *E se eu fosse você*, em que um jovem funcionário, Fabian, está infeliz consigo mesmo no que diz respeito a seu corpo, ao sucesso com as mulheres, à penúria e à sua situação de trabalho. Atribui à sua mãe suas crenças religiosas, as quais tem dificuldade em suportar. Seu pai morrera quando ainda estava no colégio e desperdiçara todo o dinheiro da família com jogos e mulheres. Ele guarda grande ressentimento desse pai, pois o privara de dar continuidade aos seus estudos e, conseqüentemente, conseguir uma vida melhor. O referido ressentimento parece estar na base da inveja e do ódio que sentia das pessoas que tinham mais do que ele e por seu desejo insaciável por riqueza.

Como saída para essa situação, Fabian faz um pacto com o diabo. Este lhe atribui o poder de se transformar nas pessoas cujos atributos inveja; para isso, deve sussurrar no ouvido delas uma fórmula mágica. A primeira delas é um garçom que se recusa a trocar de identidade com Fabian. Em seguida, inveja enormemente seu patrão, chamado Poujars, por sua posição social e riqueza. Fabian se sente humilhado por ele e aprisionado em seu escritório. Antes de sussurrar a fórmula em seu ouvido, o trata da mesma maneira arrogante que era tratado por ele. Já no corpo de Poujars faz um cheque polpudo em seu nome, deixando em seu bolso o endereço da casa em que morava com a mãe para que fosse cuidado por ela.

Saindo de seu corpo desinteressante e estando no corpo de Fabian-Poujars, logo percebe as desvantagens da transformação ao descobrir o problema de saúde de Poujars e da proporção avantajada de seu corpo. Então, no corpo de seu patrão, percebe que havia se afastado de seu *self* e que pouco se lembrava dele. Decide sair dessa pele em que se colocara. Percebe que a nova personalidade não o agradava e que a falta de vontade e iniciativa, vindas de

seu padrão, não eram condizentes com sua idade. Assim, decide tomar posse de uma pessoa mais jovem, logo encontra um rapaz num café que chama sua atenção; aproxima-se dele e o distrai com um maço de dinheiro enquanto sussurra a fórmula em seu ouvido.

Ao se transformar no jovem, perde um pouco mais do seu *self* original. E assim, descontente com o jovem, procura outra pessoa para se transformar. Nota que o nome Fabian já estava distante de si. Assim, se o intuito original era adquirir traços, talentos e capacidades que admirava nos outros, vai se dando conta de que há sempre perdas nestas trocas, perdas estas que ele não tinha contabilizado quando fez o pacto com o diabo. Não consegue sempre sair ganhando nestas invasões dos outros, ao contrário, vai se diluindo e se perdendo de si mesmo. Assim mesmo continua seu trajeto e vai então para uma biblioteca. Lá, entra na personalidade de Fruges e recupera sua capacidade de pensar. Nesta transformação, a natureza original da personalidade de Fabian aparece especialmente em seu aspecto pesquisador/interrogador, que faz com que Fabian-Fruges descubra mais sobre a personalidade do próprio Fruges. Esta descoberta não o agrada, fica enjoado e decide livrar-se de Fruges, “a quem agora é capaz de julgar, até certo ponto, com os olhos de Fabian” (KLEIN, 1955/1991c, p.177).

Depois, encontra um garoto de seis anos de idade com faces coradas que sinalizam para Fabian-Fruges a inocência. A criança o remete a si na mesma idade, o que lhe desperta ternura; sente-se tentado a se transformar no garoto. Luta contra essa tentação por sentir-se um criminoso ao roubar a personalidade da criança, mas não resiste e sussurra a fórmula em seu ouvido. Fica surpreso ao perceber que nada acontece, pois o diabo não tem poder sobre a criança.

Apavora-se ao perceber que não consegue se separar de Fruges, de quem gosta ainda menos. Em desespero, sente que ficará aprisionado naquele corpo como um túmulo. Mas encontra um jovem de vinte anos, bonito e saudável, Camille, que era casado e tinha um círculo familiar formado pela cunhada, irmão e tio. Ao encontrar a esposa de Camille, Fabian-Camille se percebe, no primeiro momento, exultante. Mas, em seguida, sente-se fraco e frágil e decide abandoná-la. Encontra com a cunhada e diz a ela que deveria ter casado com ela e não com a irmã, pois entra em contato com o amor não retribuído

que Elise, a cunhada, nutria por Camille. Percebe que o que ama em Elise são seus olhos, que lhe são familiares. Mas, antes de sair da casa, se vinga do tio e de sua mulher, através de Elise.

Mais uma vez, Fabian se ressentia com a pessoa em quem se transforma. Alegria-se ao saber que quando abandonar Camille, ele será recebido pela família que tinha ficado perturbada com a intrusão de Fabian em Camille. Sente abandonar Elise e lhe vem à mente o motivo - seus olhos lembram os de Fabian. Percebe que ele havia escapado de si, ao não levar consigo nem o nome e nem o próprio endereço, na pressa em sair da personalidade de Fruges e se transformar em Camille.

Passa a desejar encontrar-se consigo mesmo - “eu quero ser eu novamente” - e uma criança o auxilia. Faz o percurso de volta das identificações ainda como Fabian-Camille e chega até onde mora com sua mãe; ao subir as escadas, uma dor forte aperta seu coração. Durante o período de três dias, que esteve vagando de personalidade em personalidade, sua mãe estivera ao seu lado. Sente que se tivesse amado mais sua mãe, ela teria retribuído; faz as pazes com a humanidade e transborda de felicidade. Assim, a mãe o aconselha a rezar, mas Fabian lembra-se somente do “Pai Nosso” - ao pronunciar essas palavras, é invadido novamente por uma alegria e morre. Vale dizer que o autor da ficção não conhece Klein e apresenta um fim trágico para sua história. Mas, na experiência analítica, o resgate da mãe boa e do bom objeto conduz à vida e à vitalização e não à morte! Além disso, quando as identificações projetivas são dissolvidas e elaboradas, há uma expansão do ego.

Assim, de acordo com Klein (1955/1991c), Fabian se projeta totalmente na identidade de outra pessoa, a quem inveja. Nesse sentido, buscava sugar “vampirescopicamente” o atributo do outro através desta ação agressiva. A “voracidade, inveja e ódio, os motores básicos das fantasias agressivas, são traços de caráter de Fabian (...) [que o] impulsionam a se apoderar das posses de outras pessoas, tanto materiais como espirituais” (op. cit., p.183). Essa voracidade parece ser impulsionada pelo ódio que sente por si e pela necessidade de escapar de sua personalidade. Entretanto, rapidamente, ao estar no outro, sentia-se insaciado, incomodado e com a sensação de que partes de sua personalidade original haviam se perdido, então, precisava sair desse outro para tentar recuperar-se.

É também neste texto que Klein fala sobre a empatia como uma outra qualidade da identificação projetiva, amorosa, que consiste no processo de nos identificarmos com outras pessoas ao atribuírmos qualidades ou atitudes nossas a elas. Assim, projetamos os bons aspectos e a libido no mundo externo/no outro, sem que nos sintamos esvaziados. Ou seja, a projeção do amor não leva ao esvaziamento, mas sim leva à reintrojeção de um mundo amoroso através do bom objeto.

Lembro-me de uma situação vivida em consultório com a paciente que chamarei de Laura. Apresentava-se como uma pessoa esvaziada de recursos e esperava sempre que o outro resolvesse seus problemas. Ela veio me procurar após assistir a uma aula que dei num curso de pós-graduação. Formada em psicologia há três anos, não tinha conseguido se colocar profissionalmente. Percebi que veio me procurar por identificar-se comigo no sentido de considerar-me uma jovem psicóloga apaixonada pela profissão e que ela via como bem-sucedida. É possível que minha vivacidade, interesse e engajamento na psicologia tenham sido os elementos com os quais Laura se identificou empaticamente, como a possibilidade de poder sonhar com sua realização profissional através do contato comigo em análise. Também me identifiquei empaticamente com ela e lhe ofereci minha “barriga analítica” acolhedora, procurando proporcionar-lhe uma boa relação objetal. Sentia sua dificuldade em receber e ser grata ao que lhe era oferecido e, ainda, o quanto relutava em se vincular.

Hoje, pensando sobre o que vivemos juntas, penso o quanto foi difícil sustentar uma relação com Laura no sentido de guardar em mim seus bons objetos, que a mantinham em análise. Conseguimos trabalhar juntas por alguns anos, ela vinha para as sessões e não faltava, eu insistia para ampliar nossos encontros, sem sucesso. Ela pôde se transformar, mas sempre muito aquém do que ela desejava e esperava, não reconhecendo quase nada do que conquistara. Por fim, minhas tentativas de mantê-la viva, ao menos em mim, fracassaram e seu núcleo mais mortífero tomou conta de nós duas o que culminou com sua mudança de cidade e fim do processo analítico. A empatia tão importante no início do nosso trabalho se enfraqueceu, pois, as trocas transferenciais-contratransferenciais-transferenciais no campo foram se apagando.

Voltando à teoria, Klein (1952/1982) destaca que a capacidade da criança de projetar seus bons sentimentos e partes do eu para dentro da mãe é importante, pois amplia suas condições de estabelecer boas “relações objetais” e, também, integrar seu ego. Através da reintrojeção das partes boas e da sua assimilação ao ego. Mas o excesso de projeção das partes boas ocasiona o empobrecimento do eu.

No livro *Uma visão da evolução clínica kleiniana: da Antropologia à Psicanálise*, Spillius (2006) faz uma importante observação, destacando que Klein usou mais o conceito de identificação projetiva nos arquivos clínicos não publicados do que em sua obra publicada. Nas seis conferências realizadas por Klein e organizadas por Spillius, ela faz uso de material clínico para ilustrar o conceito. Em um dos episódios analisa um garoto chamado John, que, na brincadeira, é um leão que a come enquanto ela está adormecida. Klein interpreta o brincar como a expressão do medo de que ela o tivesse comido, em retaliação ao desejo-leão de John de comê-la. Num primeiro momento, o paciente fica ansioso com essa interpretação, mas, depois, se sente aliviado, o que aumenta seus sentimentos de amor e confiança em Klein.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encontramos, no texto de Klein, várias facetas da identificação projetiva: ela a apresenta como um mecanismo de defesa ligado à cisão e projeção. Posteriormente, trabalha o conceito no sentido da empatia quando o sujeito se identifica com qualidades e atributos do outro, sendo assim, me aproximo do outro se me identificar com ele. Esse aspecto me faz pensar no quando precisamos ser empáticos com o sofrimento das pessoas que nos procuram na clínica para que possamos tomá-los como nossos pacientes. É preciso ainda destacar o aspecto da inveja na identificação projetiva, como no caso de Camille.

Noto uma outra faceta da identificação projetiva que é compreendê-la como comunicação. Considero esse aspecto muito importante para clínica, apesar de Klein não ter dado essa ênfase, continuo pensando que ela não falou disso diretamente, mas se a identificação projetiva é uma forma de acessar o funcionamento psíquico do paciente, a compreendo como uma forma de comunicação, mesmo que sem palavras.

*If I were you? A quick view of the concept
of projective identification*

ABSTRACT: *This article aims to present the development of the concept of projective identification in Kleinian's work and its clinical use, as a result of my doctoral research. Through the review of the theory concerning to this theme and its clinical articulation, this article points out kleinian's development and the formal use of projective identification and its presence in the clinical situation as a working tool to help the analyst comprehend what the patient communicates to him, many times, without words.*

KEYWORDS: *Projective Identification, mechanism of defense, empathy, communication, clinic.*

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Ana Karina Fachini. *Um estudo sobre as relações entre identificação projetiva e contratransferência e suas implicações na clínica*. [Monografia]. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 2015.
- CINTRA, Eliza Maria Ulhôa; FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *Melanie Klein: Estilo e pensamento*. São Paulo: Escuta, 2006.
- FREUD, Sigmund (1905[1901]). *Fragmento da análise de um caso de histeria*. v. 8.
- KLEIN, Melanie (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1946/1991.
- _____. (1952). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: RIVIERE, Joan. (org.). *Os progressos da psicanálise*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- _____. (1959). Nosso mundo adulto e suas raízes na infância. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1991b.
- _____. (1955). Sobre identificação. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1991c.
- PERSICANO, Maria Luiza Scrosoppi. *A angústia na trilha da pulsão: Entre psique e soma. A metapsicologia da angústia e de suas manifestações*

somáticas. [Dissertação e Mestrado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

_____. Ler Freud: Retomar a angústia na trilha da pulsão - entre psique e soma. In: *A imago somatossensitiva na fantasia somática*. São Paulo: Escuta, 2013.

SPILLUS, Elizabeth Bott. Melanie Klein revisitada: Seus pensamentos não publicados. In: *Uma evolução da clínica kleiniana: Da antropologia à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

Ana Karina Fachini Araujo

Rua Apeninos, 400 - oj. 909 - Paraíso
01533-000 - São Paulo, SP
(11) 98441 0321
karinafachini@uol.com.br

Elisa Maria Ulhôa Cintra

Rua Vargem do Cedro, 201 - Sumaré
01252-050
(11) 97152 1119
elcintra01@gmail.com